

Vantagens e desvantagens do “sentir com” intensivo

Diário Clínico: 17.03.1932

Sándor Ferenczi

Um número sobre Ferenczi não estaria completo sem um texto de Ferenczi.

Percurso escolheu um fragmento que apresenta vários eixos do seu trabalho, e o propôs como mote a três psicanalistas. Na sequência, seus comentários.

Violentas dores de cabeça após uma análise mútua que durou quase três horas. Decisão de remediar isso e (nos dois casos) de interromper a sessão ao cabo de uma hora, sem considerar o penoso estado físico da paciente em relaxamento. Uma certa angústia à idéia de abandonar aquele que sofre, sem o ajudar, nem esperar o momento do apaziguamento. Entretanto, animado pela leitura de um folheto sobre Mary Baker-Eddy, a quem deixavam sozinha durante suas crises histéricas e que se refazia e curava sozinha, e um

pouco instigado por S.I., que me prevenira seriamente para não me deixar “embair” por meus pacientes (nem mesmo por ela), resolvi ser duro. A pedido da paciente, comecei pela minha própria análise, que queria utilizar a fim de comunicar os meus sentimentos com total liberdade e franqueza. Também pensei que um sonho da paciente, dois dias antes, que predizia uma grande revolução alemã

Fragmento do *Diário Clínico* de Ferenczi. Tradução: Álvaro Cabral. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1992, p.95-98. Publicado com autorização da editora.

para dali a dois dias, teria sido, de fato, um pressentimento da *minha* revolta contra a tirania do sofrimento. (A Alemanha sempre significava brutalidade: portanto, interrupção brutal das boas relações e das atenções para com ela). Mas as coisas aconteceram de outro modo. A paciente acolheu-me com a notícia de que alguém teria posto à sua disposição uma soma suficiente para mais um ano de análise. Do mesmo modo, a angústia quanto ao efeito da minha decisão de ser brutal mostrou-se sem fundamento. A paciente aprovou inteiramente a minha intenção; a minha irritação contra a extensão das sessões prejudicava mais a análise do que trazia benefícios; a paciente sente a irritação e a resistência, e fora isso o que levava à proposta da análise mútua. Uma vez que a agressividade se mostrou inutilizável, tive sentimentos de culpa quanto ao meu projeto de ser maldoso. Ao comunicar isso à “analista”, eu penetrava mais profundamente na reprodução de eventos infantis. A imagem mais impressionante foi a vaga aparição de figuras de mulheres, creio que empregadas domésticas, oriundas da minha infância mais precoce; depois, a imagem de um cadáver do qual eu abria o ventre na sala de dissecação, sem dúvida; ligada a isso, a fantasia louca de que me metia à força no cadáver através dessa ferida. Interpretação: efeito retardado de cenas passionais que admissivelmente ocorreram, durante as quais uma arrumadeira me deixava brincar com seus seios e depois apertava a minha cabeça entre suas pernas, de tal modo que senti medo e comecei a sufocar. Está aí a origem do meu ódio às mulheres: por isso é que eu quero dissecá-las, ou seja, matá-las. E por isso que a acusação de minha mãe, “tu és o meu assassino”, me atingiu em cheio no coração e me levou 1) a querer compulsivamente ajudar todos os que sofrem, sobretudo as mulheres, 2) evitar as situações em que devia ser agressivo. Portan-

to, no íntimo, o sentimento de que sou seguramente um bom sujeito e, ao mesmo tempo, a reação de raiva excessiva mesmo no caso de uma ofensa insignificante e, finalmente, reação de culpa excessiva pelo menor erro cometido.

A vantagem do “sentir com” é o poder penetrar profundamente nas sensações dos outros e o desejo de ajudar, compulsivo, que os pacientes acolhem com gratidão. Cedo ou tarde, o paciente deixa de encontrar qualquer proveito no simples “sentir com”. Ou querem ficar comigo e que eu os faça felizes para o resto da

“Acompanho meus pacientes o mais longe possível, e por assim dizer posso chorar com eles.”

vida, ou então preferem pôr fim ao medo de um medo sem fim. Mas, nesse ponto, há em mim uma dificuldade: ora o período de relaxamento avança maravilhosa e profundamente, ora me mostro lento e desprovido de energia no momento da despedida. Por isso os pacientes tinham necessidade de me analisar, de me fazer reconhecer os meus próprios erros, na esperança de que, pela revelação de minhas fraquezas e da origem das mesmas, eu fique mais livre, seja menos profundamente atingido pelas agressões deles e, em vez disso, seja capaz de reconduzir rapidamente a imagem da situação atual até o antigo trauma.

Essa sensibilidade é uma propriedade puramente pessoal em mim ou um fato humano geral? A minha reação não é, em suma, um modelo de sentimento de culpa, uma tendência tão amplamente divulgada? Ainda não ouvi nenhum analista falar de tais obstáculos na análise (salvo meus próprios alunos, que herdaram de mim a mania de procurar a culpa neles próprios).

Resta lançar no meu ativo o fato de que acompanho os meus pacientes o mais longe possível e, com a ajuda dos meus próprios complexos, posso chorar com eles, por assim dizer. Se adquiro, ademais, a capacidade de represar, no momento certo, a emoção e a exigência de descontração, então posso prever o êxito com segurança. A minha própria análise não pôde avançar o bastante em profundidade porque o meu analista (uma natureza narcisista, segundo sua própria confissão), com sua determinação firme de se manter em boa saúde e sua antipatia pelas fraquezas e pelas anomalias, não pôde acompanhar-se nessa profundidade e começou cedo demais com o “educativo”. O forte de Freud é a firmeza da educação, como o meu é a profundidade na técnica de relaxamento. Os meus pacientes levam-me pouco a pouco a recuperar também essa parte da análise. Não está distante, talvez, o tempo em que não terei mais necessidade dessa ajuda encontrada junto das minhas próprias criaturas. Com bastante liberdade no “sentir com”, assim como com inevitável severidade, posso até, esperemo-lo, encurtar consideravelmente a duração da análise. Também creio que o meu velho ideal de “*terminar a análise*” chega assim a realizar-se, com o que a minha contribuição pessoal para a técnica da psicanálise estará presumivelmente arrematada. (Talvez me entregue então, ao não ser mais perturbado por essas questões práticas, ao estudo dos problemas teóricos, que me interessam muito mais).